

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 60

15, OUTUBRO, 1975

**A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO ENTRE OS ÍNDIOS
GALIBÍ E OUTROS GRUPOS KARIB**

Expedito Arnaud
Museu Goeldi

Ana Rita Alves
Museu Goeldi

RESUMO: Estudo da terminologia de parentesco dos índios Galibí do Oiapoque e dos seguintes grupos Karib: Galibí do Suriname (Kloos, 1971), Barama (Gillin, 1936), Trio (Rivière, 1969), Makuxí (Diniz, 1972) e Kuikúru (Carneiro & Dole, 1956-57 e Dole, 1969). O trabalho contém 6 resumos terminológicos, 2 diagramas de parentesco e 1 quadro comparativo. Em conclusão é apresentada uma análise comparativa entre as mencionadas terminologias.

Através de um artigo anterior, baseado em observações colhidas em pesquisas de campo efetuadas em 1964-65, Arnaud (1968) focalizou em linhas gerais o sistema de parentesco dos índios Galibí do Oiapoque, emigrados da aldeia Kuaxi (rio Mana — Guiana Francesa) para o Brasil em 1950. Em conclusão, apresentou várias analogias encontradas entre o mencionado sistema e os dos seguintes grupos Karib: Panare, Yabarana e Makiritaré (Wilbert, 1963), Waiwai (Fock, 1963), Makuxí (Diniz, 1965), Kaliña (Ahlbrink, 1931), Apalai (Kirchhoff, 1931, *apud* Gillin, 1948) e Tiriyo (Frikel, 1960). Entretanto, face ao surgimento posterior de uma monografia relacionada aos "Maroni River Caribs" (Kaliña ou Galibí do Suriname) (Kloos, 1971), versando, entre outros, sobre o tema em questão, julgamos oportuno revisar aquele trabalho, precisamente no que diz respeito à terminologia de *parentesco consangüíneo*. Com tal propósito fomos realizar, em 1973, nova pesquisa no âmbito do grupo do Oiapoque, complementando-a por meio de várias entrevistas efe-

M. G
1975

tuadas em 1974-75, com elementos do próprio grupo em trânsito por Belém do Pará. Embora não fossem desprezados os *exemplos concretos* obtidos em função da genealogia, de igual modo como ocorrera anteriormente, procuramos, no decorrer das entrevistas, aplicar basicamente critério *impessoal, registrando*, por exemplo, os significados correspondentes a irmão do pai, irmã da mãe, irmão da mãe, irmã do pai, etc., e não só tomando como exemplo determinada pessoa situada em uma dessas categorias.

No presente trabalho de caráter essencialmente comparativo, julgamos oportuno utilizar não só o estudo sobre os Galibí do Suriname (*ibid.*) como também outros existentes a respeito de grupos Karíb da área guianense — “Barama” (Gillin, 1936), “Trio” (Rivière, 1969), “Makuxí” (Diniz, 1972) e também os de Carneiro & Dole (1956-57) e Dole (1969) a respeito do grupo “Kuikuru” (Karíb), situados no alto Xingu. Os resumos a seguir expostos foram preparados através das listas terminológicas e análises dos respectivos autores, com aplicação dos termos de referência e não dos vocativos (quando existentes as duas acepções), tomando-se em consideração que, conforme observou Murdock (1949: 98), os termos de referência usados geralmente para designar um parente a uma terceira pessoa, são “normalmente mais específicos em sua aplicação que os termos vocativos”. No quadro comparativo não foram incluídos os Kuikúru devido a ausência dos termos de parentesco nos trabalhos, a respeito dos mesmos, acima referidos.

Barama River Caribs (Gillin, 1936)

População estimada em 600 indivíduos, ocorrendo a pesquisa mais intensamente na aldeia Sawari, por ser “relativamente pura”, sendo seus 47 indivíduos (“26 adultos e 21 crianças”) “mais ou menos distantes parentes consangüíneos” (*ibid.*: 106-113). *Forma de casamento* — usualmen-

te entre primos(as) cruzados(as) bilaterais ("que se equivalem a pessoas com quem se pode casar demonstrando relação de sangue ou não"), assim como de um homem com a filha da irmã (*tio* e *sobrinha*), embora já pareça ser esta "uma forma arcaica" (ibid.: 90-95), sendo proibidos entre irmãos(ãs) e primos(as) paralelos(as). *Terminologia — Segunda geração ascendente* — ambos os egos aplicam um termo para designar o pai do pai ou da mãe, e outro para a mãe do pai ou da mãe. *Primeira geração ascendente* — ambos os egos, nomeiam através de um termo, o pai e o irmão do pai de um lado, a mãe e a irmã da mãe de outro, aplicando termos distintos, para nomear a irmã do pai e o irmão da mãe. *Geração própria — ego masculino* — uso de termos idênticos para designar o irmão(ã) e os primos(as) paralelos(as) bilaterais, segundo o sexo distinguindo os m. velhos (as) dos m. novos(as); e aplicação de outros termos, também segundo o sexo, para os primos(as) cruzados(as) bilaterais; *ego feminino* — utilização dos mesmos termos aplicados pelo ego masculino para mencionar irmão(ã) e os primos(as) paralelos(as) patrilaterais, m. velhos(as) e m. novos(as), e extensão dos termos relacionados aos próprios filhos(as), aos filhos(as) da irmã da mãe, o que, conforme o mencionado autor, se verifica em função do casamento avuncular (ibid.); e aplicação de termos distintos daqueles para os primos(as) cruzados(as). *Primeira geração descendente — ego masculino* — classificação conjunta dos próprios filhos(as) com os dos irmãos e dos primos paralelos com distinção de sexo, idem dos filhos(as) das irmãs e das primas paralelas com aplicação de outros termos, e invertendo-se as situações, pelos mesmos designativos aplicados aos filhos(as), são mencionados os filhos(as) das primas cruzadas, e pelos aplicados aos filhos(as) das irmãs, os filhos(as) dos primos cruzados; *ego feminino* — classificação conjunta dos próprios filhos(as) com os das irmãs e das primas paralelas patrilaterais com distinção de sexo, idem, mediante outros termos dos filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos patri-

laterais; designação dos filhos(as) dos primos(as) paralelos(as) matrilaterais de igual modo como os membros da segunda geração descendente, e invertendo situações (assim como o ego masculino), designação dos filhos(as) das primas cruzadas bilaterais como filhos(as) dos irmãos, não sendo registrada classificação para os filhos(as) dos primos cruzados. *Segunda geração descendente* — ambos os egos — aplicação de um só termo para designar os filhos(as) dos filhos(as) e colaterais (ibid.: 82-90).

The Maroni River Caribs of Surinam

Kaliña ou Galibi do Suriname (Kloos, 1971)

População 2063 indivíduos em 1967-68, tendo sido a pesquisa, na parte referente à "estrutura social", efetuada nas aldeias "Christiaankondre e Langamankondre", "nem endogâmicas, nem exogâmicas", com 319 e 183 habitantes, respectivamente, situadas à margem esquerda da embocadura do Maroni, e ligadas entre si por uma trilha. (ibid.: 13-84-134). *Forma de casamento* — "preferencialmente" entre primos cruzados bilaterais "geralmente classificatórios, raramente reais", assim como de um homem com a filha da irmã (em desuso) sendo proibidos os casamentos entre irmãos(ãs) verdadeiros e primos(as) paralelos(as). *Terminologia* — *segunda geração ascendente* — ambos os egos utilizam um termo para o pai do pai e o pai da mãe e outro para a mãe do pai e mãe da mãe. *Primeira geração ascendente* — ambos os egos estendem os termos aplicados ao pai e a mãe ao irmão do pai e a irmã da mãe, respectivamente (mas "raramente"), utilizando sobretudo "referências características" para designar, o irmão m. velho do pai ("pa:pa ilii") e a irmã m. nova da mãe ("ta:ta pi:tĩ"), e aplicam termos distintos para mencionar o irmão da mãe e a irmã do pai. *Geração própria* — *ego masculino* — uso de termos idênticos para designar os irmãos e os primos paralelos bilaterais, distinguindo os m. velhos dos m. novos, e aplicação de ape-

nas uma referência para as irmãs e primas paralelas, sem distinção de idade, e nomeação conjunta através de outros termos, também segundo o sexo, dos primos(as) cruzados(as) bilaterais; *ego feminino* — ao contrário do *ego masculino*, aplicação de um único termo para nomear os irmãos e os primos paralelos e de termos distintos para designar as irmãs e primas paralelas m. velhas e m. novas; nomeação conjunta através de outros termos dos primos(as) cruzados(as) bilaterais. *Primeira geração descendente* — *ego masculino* — os termos aplicados aos filhos(as) são estendidos aos filhos(as) dos irmãos verdadeiros e dos primos paralelos, sendo mencionados por outros designativos os filhos(as) das irmãs e das primas paralelas; *ego feminino* — aplicação de um termo para designar somente os próprios filhos, extensão do termo aplicado às filhas também as filhas das irmãs e das primas paralelas bilaterais, e de outros termos para os filhos(as) dos irmãos, e dos primos(as) paralelos(as) bilaterais; *ambos os egos* — não são mencionados designativos relacionados aos filhos(as) dos primos(as) cruzados(as). *Segunda geração descendente* — os filhos(as) dos filhos(as) e colaterais são tratados através de um único designativo.

Trio (Tiriyó) — (Rivière, 1969)

População estimada em 646 indivíduos, localizada na fronteira do Brasil com o Suriname, tendo ocorrido a pesquisa nas aldeias Alalaparu (157 hab.) e Paloemeu (219 hab.) do Suriname, sendo as aldeias provavelmente endogâmicas "ou pelo menos uma aglomeração endogâmica como prática normal" (ibid.: 3, 29 e 119). *Forma de casamento* — "a mais importante instituição social" entre os Trio, "convencionalmente" entre primos(as) cruzados(as) bilaterais e também de um homem com a filha da irmã, tendo sido verificado casamentos de "um pai e seu filho com duas irmãs e de dois irmãos com duas irmãs" (ibid.: 72, 141 e 163). *Terminologia* — *segunda geração ascendente* — ambos os

egos aplicam um termo para designar o pai do pai e o pai da mãe e outro para a mãe da mãe e mãe do pai. *Primeira geração ascendente* — ambos os egos — classificam conjuntamente o pai e o irmão do pai de um lado e a mãe e a irmã da mãe de outro, e distintamente, o irmão da mãe e a irmã do pai, mas o designativo aplicado a esta é o mesmo relacionado às ascendentes da linha superior. *Geração própria* — ambos os egos — aplicam termos diferentes para o irmão e irmã m. velho(a) e os primos(as) paralelos(as) bilaterais m. velhos(as), usando um só termo, para o irmão(ã) m. novo(a) e os primos(as) paralelos m. novos(as); utilização de outros termos para designar, em um primeiro nível os primos(as) cruzados(as) bilaterais; e em um segundo nível, chamam como mãe a prima cruzada patrilateral e o primo cruzado como *tio* (que são ou poderiam ser as mesmas pessoas), nomeando em contrário os primos(as) cruzados(as) matrilaterais como filhos(as). *Primeira geração descendente* — *ego masculino* — os termos com que referem os filhos(as) são estendidos aos filhos(as) dos primos(as) paralelos(as) e cruzados(as); *ego feminino* — os termos aplicados aos filhos(as) estendem aos filhos(as) da irmã, das primas paralelas e dos primos(as) cruzados(as) bilaterais, e os filhos(as) do irmão verdadeiro e dos primos paralelos bilaterais são mencionados através do mesmo termo utilizado para os membros da segunda geração descendente. *Segunda geração descendente* — ambos os egos tratam os filhos(as) da filha e do filho e colaterais por um único termo.

Makuxí (Diniz, 1972)

Localização na região fronteira entre o Brasil (Território de Roraima) e a Guiana (antiga Guiana Inglesa), com uma população avaliada em 3000 indivíduos somente no Brasil, (ibid.: 49). No decorrer das excursões, foram visitadas 9 aldeias com 1043 indivíduos, havendo a pesquisa

sido realizada principalmente na aldeia Contão (302 indiv.) (ibid.: 17-58). *Forma de casamento* — provavelmente ainda em “caráter prescritivo” entre primos(as) cruzados(as) bilaterais, e também de um homem com a filha da irmã (possivelmente um “casamento secundário para o parceiro m. velho”), sendo “evitados” casamentos entre parentes não incluídos nessas categorias (ibid.: 82-86). *Terminologia segunda geração ascendente* — ambos os egos aplicam um termo ao pai do pai e pai da mãe e outro a mãe do pai e mãe da mãe. *Primeira geração ascendente* — ambos os egos classificam conjuntamente de um lado o pai e irmão do pai e de outro a mãe e a irmã da mãe, designando através de termos diferentes a irmã do pai e o irmão da mãe. *Geração própria* — ambos os egos referem conjuntamente os irmãos(ãs) verdadeiros(as) e os primos(as) paralelos(as), distinguindo os m. velhos(as) dos m. novos(as), e nomeiam por outros termos os primos(as) cruzados(as), segundo o sexo; entretanto, os termos utilizados pelo ego masculino são diferentes dos aplicados pelo feminino (ibid.: 78-79). *Primeira geração descendente* — o ego masculino estende os termos aplicados aos filhos(as) com distinção de sexo, aos filhos(as) dos irmãos, assim como dos primos paralelos e primas cruzadas bilaterais; aos filhos(as) das irmãs e primas paralelas bilaterais são aplicados designativos diferentes, também conforme o sexo, não existindo referências para os filhos(as) dos primos cruzados; ego feminino, estende os termos aplicados aos filhos(as), com distinção de sexo, também aos filhos(as) das irmãs e primas paralelas bilaterais, e os aplicados aos filhos(as) dos irmãos aos dos primos paralelos bilaterais, todos diferentes dos utilizados pelo ego masculino com exceção do termo *pasê* que é aplicado inversamente (ego m. — filha da irmã e primas paralelas; ego fem. — filhas dos irmãos e primas paralelas), não existindo referências para os filhos(as) dos primos(as) cruzados(as). *Segunda geração descendente* — ambos os egos aplicam um único termo para mencionar os filhos(as) dos filhos(as) e colaterais.

Kuikúru (Carneiro & Dole, 1956-57; Dole, 1969)

Grupo situado no alto Xingu (Mato Grosso, Brasil) com uma população de 145 indivíduos, reunidos em uma única aldeia distribuída em 9 habitações de famílias extensas, mas ainda existindo na aldeia indivíduos de, pelo menos, 4 extintos grupos com os quais os Kuikuru efetuavam casamentos (ibid.: 110-13). *Forma de casamento* — Antigamente tanto pela forma exogâmica como endogâmica, mas já em época recente de modo predominante pela última forma ("endogamia grupal provocada por perturbações demográficas"), "preferencialmente" entre primos(as) cruzados(as) próximos e distantes, bilaterais, sendo vedadas uniões entre primos(as) paralelos(as) (Carneiro & Dole, 1956-57 : 195-96). *Terminologia* — *segunda geração ascendente* — um termo para designar o pai do pai e o pai da mãe e outro para a mãe do pai e mãe da mãe. *Primeira geração ascendente* — designação conjunta através de um termo, do pai e irmão do pai, mãe e irmã da mãe de outro, existindo termos distintos para a irmã do pai e irmão da mãe. *Geração própria* — em vias de desaparecimento as distinções terminológicas entre *siblings* e primos(as) paralelos(as) de um lado, primos(as) cruzados(as) de outro, já sendo atualmente todos os membros da geração designados conjuntamente de acordo com o sexo, como provável decorrência da mudança da exogamia para a "endogamia grupal". (Dole, 1969 : 111). *Primeira geração descendente* — *ego masculino* — os filhos(as), filhos(as) dos irmãos, filhos(as) dos primos paralelos e cruzados bilaterais são tratados conjuntamente, conforme o sexo, e através de outros termos os filhos(as) das irmãs, primas paralelas e cruzadas, procedendo em sentido contrário o *ego feminino*. *Segunda geração descendente* — de modo generalizado os parentes desta geração "estão indiferenciados, chamando-se todos netos" (ibid.: 197).

Galibí do Oiapoque

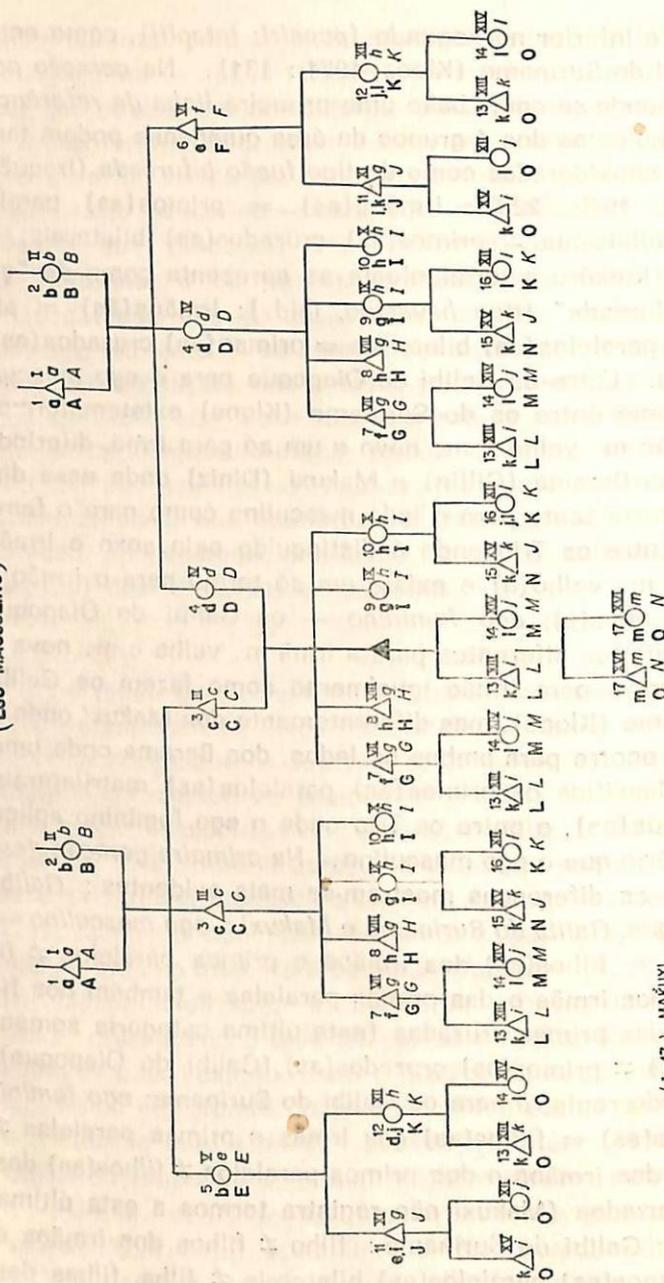
Grupo originariamente localizado no rio Mana, Guiana Francesa (aldeia *Kuaxi*), em 1941, com uma população de, aproximadamente, 100 indivíduos, distribuídos entre 22 famílias — 17 divididas em 2 ramos (descendentes Grand Emile e Petite Emile) e as 5 restantes “ramificadas com 2 outras famílias” (Delawarde, 1967 : 347-52). O atual grupo do Oiapoque foi formado originariamente por 38 indivíduos, dissidentes imigrados da aldeia *Kuaxi*, em 1950. Face porém ao crescimento vegetativo, subseqüentes migrações entre as duas aldeias, admissão de brasileiros e integração de elementos do grupo na sociedade nacional, em 1968 somava 68 (37 sexo masc. e 31 sexo fem.) (Arnaud, 1968 : 1) e, em 1973, 61 (30 sexo mas. e 31 sexo fem.). Estavam no último ano distribuídos entre 8 famílias elementares, dentre as quais 5 de Galibí propriamente ditos (4 formados ainda em *Kuaxi*), 2 por motivo de casamento de mulheres Galibí com elementos estranhos (1 brasileiro e 1 índio do alto Uaçá) e 1 formada apenas por brasileiros. *Forma de casamento* — Convencionalmente entre primos(as) cruzados(as) bilaterais (geralmente classificatórios, raramente reais como entre os Galibí do Suriname) e em regra permutando-se entre descendentes de 2 casais; e também de um homem com a filha da irmã, porém, estando esta forma em desuso; mal reputados e só ocorrendo em “caráter excepcional”, no antigo ambiente, casamentos com elementos de “outras raças” ou mesmo de “outras tribos” (Hurault, 1963 : 2; Delawarde, 1967 : 352-57). *Terminologia* — *Segunda geração ascendente* — ambos os egos referem-se ao pai do pai e ao pai da mãe através de um termo e a mãe do pai e a mãe da mãe por outro termo. *Primeira geração ascendente* — ambos os egos designam conjuntamente o pai e o irmão do pai de um lado, mãe e irmã da mãe de outro, utilizando termos distintos para a irmã do pai e o irmão da mãe. *Geração própria* — ambos os egos classificam conjuntamente os irmãos e os primos paralelos de um lado, as irmãs e primas paralelas de outro, e aplicam

termos distintos para os primos(as) cruzados(as) bilaterais; *ego masculino* — aplica termos diferentes para irmão m. velho e m. novo e um único termo para a irmã; *ego feminino* — aplica termos diferentes a irmã m. velha e a irmã m. nova e um só termo para irmão. *Primeira geração descendente* — *ego masculino* — os termos aplicados aos filhos(as) estende aos filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos bilaterais; e os termos aplicados aos filhos(as) das irmãs estende aos filhos(as) das primas paralelas bilaterais; *ego feminino* — os termos aplicados aos filhos(as) estende aos filhos(as) das irmãs e primas paralelas bilaterais, e os aplicados aos filhos(as) dos irmãos aos filhos(as) dos primos paralelos bilaterais; *ambos os egos* tratam os filhos(as) dos primos(as) cruzados(as) pelo mesmo denominativo aplicado aos membros da última geração. *Segunda geração descendente* um único termo é aplicado aos filhos(as) dos filhos(as) e colaterais.

De modo geral, as terminologias analisadas podem ser assim comparadas: Nas duas mais distantes gerações — *segunda ascendente e segunda descendente* — essas terminologias apresentam-se análogas: pai do pai = pai da mãe, mãe do pai = mãe da mãe; filho(a) do filho e da filha = colaterais. Na *primeira geração ascendente* podem todas elas serem definidas, segundo a classificação de Murdock (1949: 223), como do tipo *fusão bifurcada*: pai = irmão do pai, mãe = irmã da mãe, irmã do pai ≠ irmão da mãe; e apenas os Trio fazem incidir sobre a irmã do pai o termo da geração anterior, relacionado a mãe do pai ou da mãe, um “uso terminológico bem adaptado com a prática do casamento avuncular, sendo em grande número de casos atuais a irmã do pai e a mãe da mãe a mesma pessoa” (Rivière, 1969: 67); os Galibí do Oiapoque possuem também termos para distinguir o irmão m. velho do pai (*papairi*), irmão m. novo do pai (*papapiri*), irmã m. velha da mãe (*tatapayri*), e irmã m. nova da mãe (*tatapiti*), e não só em sentido superior no primeiro

aspecto e inferior no segundo (*papairi*; *tatapiti*), como entre os Galibí do Suriname (Kloos, 1971 : 131). Na *geração própria*, tomando-se como base uma primeira *linha de referência* as terminologias dos 4 grupos da área guianense podem também ser consideradas como do tipo *fusão bifurcada* (Iroquês, Murdock, 1949 : 223) : irmãos(as) = primos(as) paralelos(as) bilaterais \neq primos(as) cruzados(as) bilaterais; já entre os Kuikúru a terminologia se apresenta como de "geração bifurcada" (tipo *havaiano*, *ibid.*) : irmãos(ãs) = primos(as) paralelos(as) bilaterais = primos(as) cruzados(as), bilaterais. Entre os Galibí do Oiapoque para o *ego masculino* tal como entre os do Suriname (Kloos) existem termos para irmão m. velho e m. novo e um só para irmã, diferindo assim dos Barama (Gillin) e Makuxí (Diniz) onde essa distinção ocorre tanto para o lado masculino como para o feminino, e entre os Trio onde é distinguido pelo sexo o irmão e a irmã m. velho(a) e existe um só termo para o irmão e irmã m. novo(a); *ego feminino* — os Galibí do Oiapoque aplicam termos diferentes para a irmã m. velha e m. nova e um só termo para irmão igualmente como fazem os Galibí do Suriname (Kloos), mas diferentemente dos Makuxí onde a distinção ocorre para ambos os lados, dos Barama onde uma mulher classifica os primos(as) paralelos(as) matrilaterais como filhos(as), e entre os Trio onde o ego feminino aplica igual critério que o ego masculino. Na *primeira geração descendente*, as diferenças mostram-se mais evidentes : *Galibí do Oiapoque, Galibí do Suriname e Makuxí* : *ego masculino* — filhos(as) = filhos(as) dos irmãos e primos paralelos \neq filhos(as) das irmãs e das primas paralelas e também dos filhos(as) das primas cruzadas (esta última categoria somente Makuxí) \neq primos(as) cruzados(as) (Galibí do Oiapoque), não havendo registro para os Galibí do Suriname; *ego feminino* : filhos(as) = filhos(as) das irmãs e primas paralelas \neq filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos \neq filhos(as) dos primos cruzados (Makuxí não registra termos a esta última categoria); Galibí do Suriname : filho \neq filhos dos irmãos e irmãs, primos(as) paralelos(as) bilaterais \neq filha, filhas das

DIAGRAMA DE PARENTESCO CONSANGÜINEO
(EGO MASCULINO)



- (1-17) MAKUXI
- (1-XXI) BARAMA RIVER CARIES
- (a-m) TRIO
- (a-m) KUIKURU
- (A-O) GALIBI DO OIAPOQUE
- (A-N) GALIBI DO SURINAME

irmãs e primas paralelas bilaterais \neq filhas dos irmãos e dos primos paralelos bilaterais (não registra termos para filhos(as) dos primos(as) cruzados(as)); Barama — *ego masculino*: filhos(as) = filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos = filhos(as) das primas cruzadas; filhos(as) das irmãs = filhos(as) das primas paralelas = filhos(as) dos primos cruzados; *ego feminino*: filhos(as) = filhos(as) das irmãs, das primas paralelas patrilaterais \neq filhos(as) dos primos(as) paralelos(as) matrilaterais \neq filhos dos irmãos, dos primos paralelos patrilaterais e das primas cruzadas bilaterais; Trio — *ego masculino*: filhos(as) = filhos(as) dos irmãos(as) = filhos(as) dos primos(as) paralelos(as) = filhos(as) dos primos(as) cruzados(as); *ego feminino*: filhos(as) = filhos(as) das irmãs, das primas paralelas bilaterais e dos primos(as) cruzados(as) bilaterais \neq filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos bilaterais; Kuikuru — *ego masculino*: filhos(as) = filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos e cruzados; filhos(as) das irmãs = filhos(as) das primas paralelas e cruzadas; *ego feminino*: filhos(as) = filhos(as) das irmãs e das primas paralelas e cruzadas; filhos(as) dos irmãos = filhos dos primos paralelos e cruzados. Por fim, pormenorizando as situações provocados na terminologia, pelas formas de casamento, podem ser apresentados os seguintes exemplos: *Galibí do Oiapoque* e *Barama* o termo *takano* é aplicado por um homem para designar uma mulher que possa tomar como esposa, no caso uma prima cruzada e/ou uma filha da irmã e/ou das primas paralelas (Barama também filhas dos primos cruzados), e em contrário, uma mulher designa um homem que possa ser seu esposo, no caso *tio* ou primo cruzado, como *katobô* (ou *iyaoko* — Barama); *Galibí do Suriname*, o termo *takano* é aplicado para mencionar tanto uma mulher ("esposa potencial"), ou seja, uma prima cruzada ou uma *sobrinha*, como um homem ("esposo potencial"), mas neste caso, o citado termo (consoante os dados existentes) só é estendido aos primos cruzados pois o *tio* continua a ser referido pelo *ego* feminino como *kaxtobo*. Refletindo provavelmente situações posterior-

res aos matrimônios, *ambos os egos*, entre os Barama, invertem situações, ou seja: — um homem designa os filhos(as) das primas cruzadas como seus próprios filhos(as), e os dos primos cruzados como filhos(as) das irmãs; e de modo singular, o ego feminino designa os filhos(as) da irmã da mãe como os seus próprios filhos(as), conforme se expressa o autor (Gillin), em conseqüência do casamento avuncular, salvo melhor raciocínio, talvez pelo fato de um homem poder tomar como esposa a irmã da mãe do ego (sua prima cruzada) e/ou sua *sobrinha*; Trio — os casamentos convencionais entre primos(as) cruzados(as) e *tio* e *sobrinha* por ambos os egos são caracterizados através de um único termo (*emerimpa*), e face apenas a situações criadas pelo casamento avuncular ocorre o seguinte: mãe e *tio materno* = primo-primo cruzados patrilaterais; filho e filha = primo-prima cruzados matrilaterais; e somente pelo ego feminino os filhos(as) dos irmãos e dos primos paralelos bilaterais são mencionados tal como os membros da segunda geração descendente; Makuxí — o casamento avuncular é refletido somente através do ego feminino mediante aplicação do termo "*e:ru*" (Diniz, 1972 : 83) : primas cruzadas = filha = filha da irmã = filhas das primas paralelas bilaterais.

Em síntese, como vimos tais terminologias parecem apresentar-se influenciadas pelas formas de casamentos entre *primos(as) cruzados(as)* e *tios* e *sobrinhas* (quanto aos Kuikúru a última forma não é mencionada), seja em aldeias exogâmicas ou endogâmicas (estas últimas entre os Trio e Kuikúru). Na segunda geração ascendente e segunda descendente a identidade é completa entre todas; na primeira geração ascendente e na geração própria como vimos apresentam-se basicamente como do tipo fusão bifurcada, excetuando-se a dos Kuikúru que é do tipo geração bifurcada; mas na primeira geração descendente não existem pelo menos duas terminologias estritamente iguais, até mesmo no caso dos Galibí do Oiapoque e do Suriname. De qualquer modo, conforme observou Fox (1972 : 226), pode-se dizer que não

raro as terminologias apresentam uma classificação "ideal" mas não correspondendo exatamente a situações "reais", uma vez que a realidade muda mais rapidamente que a linguagem; ou então dizendo que, as nomenclaturas de parentesco, não podem ser tomadas como "códigos fixos" para diagnosticar sociedades particulares por todo tempo e, pelo contrário, "em diferentes períodos dados contraditórios muitas vezes são obtidos" (Dole, 1969 : 119). Por outro lado, sendo as "relações de parentesco organizadas tão individualmente", o pesquisador não pode julgar-se familiarizado com as nuances que explicam todos os exemplos, "o próprio informante pode ter esquecido a razão originariamente escolhida para adotar um termo em vez de outro" (Rivière, 1969 : 97). E também, deve ser dito, que os resultados podem estar influenciados pela maneira peculiar com que cada pesquisador realiza suas investigações.

SUMMARY

In this paper the authors focus on the kinship terminology of the Oiapoque Galibí Indians and make comparisons with the terminologies of other Carib groups : the Maroni River Caribs of Surinam (Kloos, 1971), the Barama River Caribs of British Guiana (Gillin, 1936), the Trio (Rivière, 1969), The Makuxi (Diniz, 1972) and the Kuikuru (Carneiro & Dole, 1956-57 and Dole, 1969).

Similarities and differences that occur between the terminologies of the Oiapoque Galibi group and the other groups above mentioned are presented.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AHLBRINK, W.

- 1931 — Encyclopaedie der Karaïben behelzend tall, zedan en gewoonter dezer Indianen, **Verh. Kon. Akad. van Wetensch. Amsterdam, Afd. Letterk.** Nieuwe Reeks, Amsterdam, 28 (1) 555 p., il.

ARNAUD, Expedito

- 1968 — O Parentesco entre os índios Galibí do rio Oiapoque.
B. Mus. Pa. Emílio Goeldi. Belém, n. sér. Antrop. 33,
11 p. il.

CARNEIRO, Robert L. & DOLE, Gertrude E.

- 1956/7 — La cultura de los índios Kuikurus del Brasil Central.
RUNA, Buenos Aires, 8 (2): 169-202.

DELAWARDE, J. B.

- 1967 — Les Galibi de la Mana et D' Iracoubo (Guyane Française).
J. Soc. des Amér., Paris, 61:334-83.

DINIZ, Edson

- 1965 — Breves notas sobre o sistema de parentesco Macuxí.
B. Mus. Pa. Emílio Goeldi. Belém, n. sér. Antrop. 28,
16 p., il.
1972 — Os índios Makuxi do Roraima: sua instalação na sociedade Nacional. Marília, 181 p. il., map. (Fac. Filos. Ci. Letras).

DOLE, Gertrude E.

- 1969 — Generation kinship nomenclature as an adaptation to endogamy. Southw. J. Anthrop. Albuquerque, 25 (2): 105-23.

FOCK, Niels

- 1963 — Waiwai, religion and society of an Amazonian tribe. Nationalmus. Skr. Etnog. Roeko, Copenhagen, 8, 315 p., il.

FOX, Robin

- 1972 — Sistemas de parentesco y matrimonio. Madrid. Alianza. 253 p., il.

FRIKEL, Protásio

- 1960 — Os Tiriyo (Notas preliminares). B. Mus. Pa. Emílio Goeldi. Belém, n. sér. Antrop. 9, 19 p. il.

GILLIN, John

- 1936 — The Barama River Caribs of British Guiana. Pap. Peabody Mus. Amer. Archaeol. Ethnol., Cambridge, Mass. 14 (2). 274 p.
1948 — Tribes of the Guianas. In: HANDBOOK of South American Indians, B. Bur. Amer. Ethnol., Washington, 143 (3): 799-860, il.

HURAUULT, Jean

- 1963 — Les indiens du littoral de la Guyane Française. Galibí et Arawak. Les Cahiers d'Autremer, Bordeaux, 16: 145-183, il.

KIRCHOFF, Paul

1931 — Die Verwandtschaftsorganisation der Urwaldstämme Sudamerikas. *Z. Ethn.*, Berlin, 63 : 85-193.

KLOOS, Peter

1971 — *The Maroni river Caribs of Surinam*. Assen. 304 p., il.

MURDOCK, George Peter

1949 — *Social Structure*. New York, The Macmillan. 387 p.

RIVIÈRE, Peter G.

1969 — *Marriage among the Trio: a principle of social organization*. Oxford. 353 p. il.

WILBERT, Johannes

1963 — *Indios de la region Orinoco — Ventuari*. Caracas, Instituto Caribe de Antropologia y Sociología, 263 p. il. (Monografia).

Aceito para publicação em 1/8/75

NOMENCLATURA DO PARENTESCO (*)

	GALIBI (Arnaud & Alves, 1974)	MARONI RIVER CARIBS (Kloos, 1971)	BARAMA RIVER CARIBS (Gillin, 1936)	MAKUXI (Diniz, 1972)	TRIO (Rivière, 1969)
Pai do pai-pai da mãe (H. — M.f.) FF — MF (M. — W.s.)	Tamuru Tuxí (voc.)	Ta : mulu Da : mulu Ta : musi Tu : si (voc.)	Tamoshi	Amo : ko	Tamu Tamusimpa
Mãe do pai-mãe da mãe (H. — M.f.) FM — MM (M. — W.s.)	Noti Pipi (voc.)	No/ti Pi : pi (voc.)	Pipi	Ko : ko	Nosi Nosimpa Kuku (voc.)
Pai — irmão do pai (H. — M.f.) F — FB (M. — W.s.)	ŕiman Papá (voc.)	Yu : mi Pa : pa (voc.)	Papa	Iun (u-iun) Pa : pa (voc.)	Ipapa
Irmão m. velho do pai (H. — M.f.) FOB (M. — W.s.)	Papairi	Pa : pa ilii	Papako (Papa runa-H.f.)		
Irmão m. novo do pai (H. — M.f.) FYB (M. — W.s.)	Papapiri		Papako (Papapide - H.f.)		
Mãe — irmã da mãe (H. — M.f.) M — MZ (M. — W.s.)	Sanon Tatá (voc.)	Sa : no Ta : ta (voc.)	Tata	San (u-san) Ma : ma (voc.)	Imana (também: filha da irmã do pai)
Irmã m. velha da mãe (H. — M.f.) MOZ (M. — W.s.)	Tatapayri		Tatako (Tatapaidyu- H.f.)		
Irmã m. nova da mãe (H. — M.f.) MYZ (M. — W.s.)	Tatapiti	Ta : ta pi : ti	Tatako (Tatapide - H.f.)		
Irmão da mãe (H. — M.f.) MB (M. — W.s.)	Katobô Yawô (voc.) Yayá (voc.)	Ka : tobo Kaxtobo Ya : wo (voc.)	Iyao (H.f.) Iyaoko (M.f.)	Tori (H.f.) Muyn (H.f.) Ao? (M.f.)	Ti (também: filha da irmã do pai) FZS (M. - W.s.) Emerimpa (M.f.)
Irmã do pai (H. — M.f.) FZ (M. — W.s.)	Yawôpiri Opi (voc.)	O : pi	Wopui (H.f.) Wopuko (M.f.)	Anan (u-anan)	Nosi Nosimpa Kuku
Irmão m. velho-filho m. velho do irmão do pai-filho m. velho da irmã da mãe (H.f.) OB — FBOS — MZOS (M.s.)	Iri	Lii	Tseo Wa'ako (M.f.)	Ui? (u-rui?) Pi? (u-pi) (M.f.)	Ipipi (H. — M.f.)
Irmão m. velho — ... (H. — M.f.) OB — ... (M. — W.s.)	Yayá (voc.)	Ya : ya (voc.)			

Irmão m.novo-filho m. novo do irmão do pai — filho m.novo da irmã da mãe (H.f.) — Irmão (M.f.) YB — FBYS — MZYS (M.s.) — B (W.s.)	Pirī	Pi/li	Kami Kamicho (irmão m.novo; filho m. novo do irmão do pai — M.f.) YB — FBYS (W.s.)	Moi? Moi? nen (M.f.)	Kiri (H. — M.f.) Akami
Irmão m.novo — ... (H. M.f.) YB — ... (M. — W.s.)	Tiom (voc.)	[i] to : min			
Irmã (H.f.) Z (M.s.)	Yenautê	Enau /ti			
Irmã m.velha-filha m.velha do irmão do pai-filha m.velha da irmã da mãe (M.f.) OZ — FBOD — MZOD (W.s.)	Payrī	Pai/li	Wa'a (H.f.) Wa'a (exceto: filha m.velha da irmã da mãe — M.f.) MZOD (W.s.)	A : tu Nana? (H.f.)	Wai (H. — M.f.)
Irmã m.velha — ... (H. — M. f.) OZ — ... (M. — W.s.)	Wawá (voc.)	Wa : wa (voc.)			
Irmã m.nova — filha m.nova do irmão do pai-filha m.nova da irmã da mãe (M.f.) YZ — FBYD — MZYD (W.s.)	Pitī	Pi/ti	(Mimbo) Yenatu (H.f.) Kami (exceto: filha m.nova da irmã da mãe — M.f.) MZYD (W.s.)	Awa (u-awā) Manon (H.f.)	Wari (H. — M.f.) Akami (H. — M.f.)
Irmã m.nova — H. — M.f.) YZ — ... (M. — W.s.)	Xonen (voc.)	[i] so : ne			
Filho da irmã do pai-filho do irmão da mãe (H.f.) FZS — MBS (M.s.)	Paman Tewô	Pa : mi Pa : timin Ti : wo (voc.) Ta : kano (M.f.)	Pamuko	Ya : ko?	Pito (também: filho da irmã) ZS
Filho do irmão da mãe-filho da irmã do pai (M.f.) MBS — FZS (W.s.)	Katobô Yawô (voc.) Yaya (voc.)	Ka : tobo Kaxtobo Ya : wo (voc.)	Iyaoko	Pi : pi	Emerimpa
Filha da irmã do pai-filha do irmão da mãe — (H.f.) FZD — MBD (M.s.)	Takanô	Ta : kano (H.f.)	Takano	Risi (u-risi)	Emerimpa
Filha da irmã-filha da filha do irmão do pai-filha da filha da irmã da mãe (H.f.) ZD — FBDD — MZDD (M.s.)	Takanô	Ta : kano (H.f.)	Takano (também: filha do filho da irmã do pai; filha do filho do irmão da mãe) FZSD — MBSD	Pa : se	Emerimpa
Filha da irmã do pai-filha do irmão da mãe (M.f.) FZD — MBD (W.s.)	Yerutê Maé	Ye : ludī Ma?e (voc.)	Yedote	E:ru?	Kori Koko

(*) — Na grafia dos termos de parentesco dos índios Galibí do Oiapoque, os autores observaram o seguinte critério: i = ü do alemão; n = nh do português; w = w do inglês; y = y do inglês como na palavra "yes"; e as demais vogais e consoantes com sons aproximados do português. Correspondem a língua inglesa as iniciais existentes abaixo dos designativos em língua portuguesa.

NOMENCLATURA DO PARENTESCO (Continuação)

	GALÍBI (Arnaud & Alves, 1974)	MARONI RIVER CARIBS (Kloos, 1971)	BARAMA RIVER CARIBS (Gillin, 1936)	MAKUXI (Diniz, 1972)	TRIO (Rivière, 1969)
Filho-filho do irmão — filho do filho do irmão do pai-filho do filho da irmã da mãe (H.f.) S — BS — FBSS — MZSS (M.s.)	Imuru	I?mulu Mu/lu	Imuru (também: filho da filha da irmã do pai; filho da filha do irmão da mãe) FZDS — MBDS	Mu (u-mu)	Imuku (também: filho da irmã; filho do irmão da mãe; filho da filha do irmão do pai; filho da filha da irmã da mãe) ZS — MBS — FBDS — MZDS
Filho-filho da irmã-filho da filha do irmão do pai-filho da filha da irmã da mãe (M.f.) S — ZS — FBDS — MZDS (W.s.)	Imê	I?me ?me	Uimwe (Umwe) (Ume) (também: filho da irmã da mãe) MZS (exceto: filho da filha da irmã da mãe) MZDS	Re: (u-re)	Imuku (também: filho do filho do irmão da mãe; filho do filho da irmã do pai; filho do irmão da mãe). MBSS — FZSS — MBS.
Filha-filha do irmão-filha do filho do irmão do pai-filha do filho da irmã da mãe (H.f.) D — BD — FBSD — MZSD (M.s.)	Yemirê	Yemii : E:mii/i	Yemwidye (Yemure) (também: filha da filha da irmã do pai; filha da filha do irmão da mãe). FZDD — MBDD	Ri(u-ri; u-ingi)	Emi (também: filha da irmã; filha do irmão da mãe; filha da filha do irmão do pai; filha da filha da irmã da mãe) ZD — MBD — FBDD — MZDD
Filha-filha da irmã-filha da filha do irmão do pai-filha da filha da irmã da mãe (M.f.) D — ZD — FBDD — MZDD (W.s.)	Yemirê	Yemilli E:mii/i	Yemwidye (também: filha da irmã da mãe) MZD (exceto: filha da filha da irmã da mãe). MZDD	Re(u-re) E:ru? (filha-filha da irmã) D — ZD	Emi (também: filha do filho do irmão da mãe-filha do filho da irmã do pai-filha do irmão da mãe). MBSD — FZSD — MBD
Filho da irmã-filho da filha do irmão do pai-filho da filha da irmã da mãe (H.f.) ZS — FBDS — MZDS — (M.s.)	Patuman	Pa:timin	Pwatumu (também: filho do filho da irmã do pai; filho do filho do irmão da mãe). FZSS — MBSS	Poito Muyn	

<p>Filho do irmão-filho do filho do irmão do pai-filho do filho da irmã da mãe (M.f.) BS — FBSS — MZSS (W.s.)</p>	<p>Patuman</p>	<p>Pa:tīmīn (também da irmã, ZS</p>	<p>filho</p>	<p>Pwatumu (também: filho da filha da irmã do pai; filho da filha do irmão da mãe) FZDS — MBDS (exceto: filho do filho da irmã da mãe) MZSS</p>	<p>Anipi (u-anipí) (M.f.)</p>	<p>Ipa</p>
<p>Filha do irmão-filha do filho do irmão do pai-filha do filho do irmão da mãe (M.f.) BD — FBSD — MBSD (W.s.)</p>	<p>Pasé</p>	<p>Pa:se</p>		<p>Pwase (também: filha da filha da irmã do pai; filha da filha do irmão da mãe) FZDD — MBDD (exceto: filha do filho do irmão da mãe) MBSD</p>	<p>Pa:se</p>	<p>Ipa</p>
<p>Filho do filho da irmã do pai-filho da filha da irmã do pai-filho do filho do irmão da mãe-filho da filha do irmão da mãe (H. — M.f.) FZSS — FZDS — MBSS — MBDS (M. — W.s.)</p>	<p>Parī</p>	<p>Pa/li</p>		<p>Pa (u-pa)</p>	<p>Imuku (H.f.)</p>	
<p>Filha do filho da irmã do pai-filha da filha da irmã do pai-filha do filho do irmão da mãe-filha da filha do irmão da mãe. (H. — M.f.) FZSD — FZDD — MBSD — MBDD (M. — W.s.)</p>	<p>Parī</p>	<p>Pa/li</p>		<p>Pa(u-pa)</p>	<p>Emi (H.f.)</p>	
<p>Filho do filho-filho da filha-filha do filho-filha da filha (H. — M.f.) SS — DS — SD — DD (M. — W.s.)</p>	<p>Parī</p>	<p>Pa/li</p>		<p>Ipwaru (também: filho do filho da irmã; filho da filha da irmã da mãe; filha do filho da irmã da mãe; filha da filha da irmã da mãe — M.f.) ZSS — MZDS — MZSD — MZDD (W.s.)</p>	<p>Pa(u-pa)</p>	<p>Ipa</p>

ARNAUD, Expedito & ALVES, Ana Rita. A terminologia de parentesco entre os índios Galibí e outros grupos Karíb. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova série: Antropologia**, Belém (60) : 1-18, out. 1975. il., 2 qd.

RESUMO : Estudo da terminologia de parentesco dos índios Galibí do Oiapoque e dos seguintes grupos Karíb : Galibí do Suriname Kloos, 1971), Barama (Gillin, 1936), Trio (Rivière, 1969), Makuxí (Diniz, 1972), e Kuikúro (Carneiro & Dole, 1956-57 e Dole, 1969). O trabalho contém 6 resumos terminológicos, 2 diagramas de parentesco e um quadro comparativo. Em conclusão é apresentada uma análise comparativa entre as mencionadas terminologias.

CDU 301.185 (811=082)

CDD 301.421 572.9811

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

t